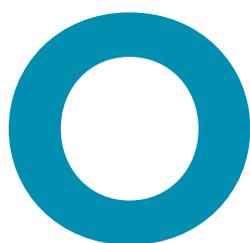




TECNOLOGIA INCLUSIVA?

| POR FREDERIC DE MARIZ

O *blockchain* tem potencial para melhorar o uso, a qualidade e o custo dos serviços financeiros à população brasileira, mas ainda há desafios técnicos, operacionais e de governança.



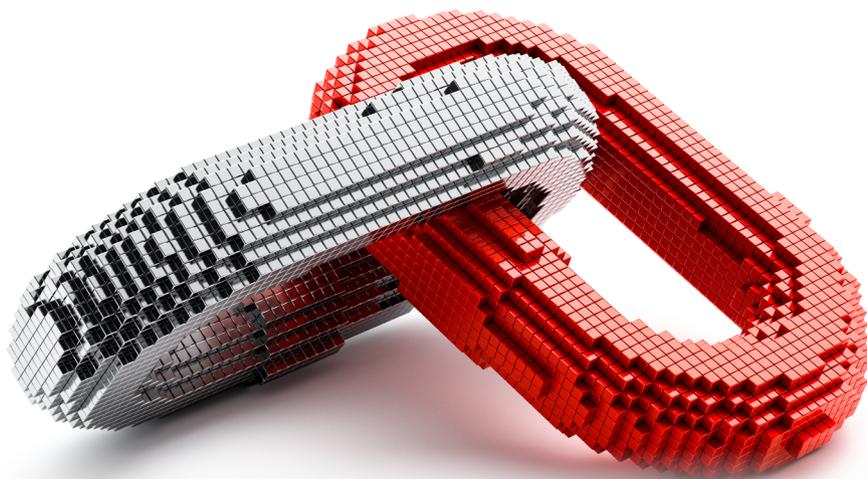
Blockchain tem sido assunto de debates acalorados na sua aplicação em criptomoedas, como o *bitcoin*. Bem mais impactante que o *bitcoin*, a tecnologia que suporta o *blockchain* (*ledger* distribuído) traz inúmeras aplicações para empresas e governos. O *blockchain* já representa um ponto focal do pensamento sobre inovação. O Fórum Econômico Mundial (FEM) estima que, até 2027, 10% do produto interno bruto (PIB) mundial será armazenado em plataformas usando tecnologia de *blockchain*. Paralelamente, os órgãos reguladores têm se mostrado interessados em inovações na área de tecnologia financeira (*Fintech*) para incentivar a competição e gerar mais inclusão. O *blockchain* poderia se tornar uma alavanca para a inclusão financeira?

INOVAÇÃO COM ATORES NOVOS

Os avanços da inclusão financeira têm sido expressivos nas últimas duas décadas, com o crescimento do papel dos correspondentes bancários e melhoras na legislação financeira. Em 2010, o Banco Central do Brasil passou a considerar

a promoção da inclusão financeira entre seus objetivos estratégicos, dando ênfase a um foco histórico da instituição. Considerando as quatro funções tradicionais de bancos (depósitos, créditos, pagamentos e seguros), o Brasil está à frente dos outros países da América Latina na oferta desses produtos, mas atrás de outros emergentes da Ásia e dos países desenvolvidos. Se o acesso a serviços financeiros é quase universal (86% da população adulta tinha relacionamento bancário em 2017, contra 61% em 2005), o uso, a qualidade e o custo dos serviços não são sempre satisfatórios (apenas 31% dos cartões de débito emitidos são considerados ativos, segundo o Banco Central).

Novas tecnologias chegam nesse momento de intensa reflexão sobre o papel das instituições financeiras tradicionais na sociedade. A inovação está vindo de três tipos de atores: os tradicionais bancos, com orçamentos amplos em tecnologia; novos entrantes (as *Fintech*), com soluções mais ágeis, reatividade grande e, até agora, foco em nichos subatendidos; e os setores não bancários, como varejo e mídia social, que apresentam potencial significativo de disrupção, vistos o tamanho, o poder de fogo e a base de clientes ativos. Para todos esses atores, o desafio da inovação é grande.



Embora a inovação financeira não seja um fenômeno recente, a tendência acelerou-se nos últimos anos, por conta do barateamento da tecnologia e da ubiquidade do celular, que permite interação permanente com o cliente e sem intermediários. A digitalização da economia e o uso de dados têm reduzido a necessidade de agências bancárias e de contatos personalizados por meio de bancos. No Brasil, o número de agências bancárias atingiu o pico em 2014 e tem decrescido desde então a uma taxa de 3% ao ano, com previsão de mais fechamentos nos próximos anos.

A inovação financeira tem como objetivos tornar as instituições financeiras mais eficientes, reduzir riscos e também atender a um número maior de brasileiros com serviços financeiros de qualidade. O setor de pagamentos tem sido muito atuante com empresas recém-chegadas como PagSeguro, IZettle e SumUp ganhando participação de mercado por meio de ofertas ágeis e preços mais atrativos. No lado do crédito, empresas como Geru e Creditas vêm oferecendo agilmente linhas de crédito a taxas inferiores em relação à média do mercado, graças a sistemas inteligentes de tratamento de dados. Nas finanças pessoais, o Guiabolso, por exemplo, tem atraído mais de três milhões de clientes com soluções inteligentes de gestão de metas financeiras. No aquecido setor de Insurtech (de empreendimentos tecnológicos de seguros), observamos o desenvolvimento da digitalização na distribuição e o uso maior de dados (*big data*) para a formação de apólices, prevenção e precificação customizada. Além de oferecerem

Com o *blockchain*, não há obrigatoriedade de um intermediário que centralize os dados, função clássica efetuada por centrais de registros, bancos ou cartórios.

serviços de qualidade à totalidade da população, produtos e processos desenhados para a chamada base da pirâmide têm se provado bons negócios.

AS APLICAÇÕES DO BLOCKCHAIN

O *blockchain* faz parte dessa frente de inovação. A tecnologia de *ledger* distribuído é baseada na ideia de compartilhamento e verificação consensual dos dados, gerando imutabilidade e segurança. Essa tecnologia reduz a necessidade de um intermediário que centralize os dados, função clássica efetuada por centrais de registros, bancos ou cartórios. Os anos de 2015 e 2016 foram de difusão da tecnologia e da aprendizagem. Depois da euforia e da desilusão, o *blockchain* entrou em uma fase de implementação, com provas de conceitos sucedidas na fase de teste. A criptomoeda *bitcoin*, aplicação mais conhecida do *ledger* distribuído,

O *blockchain* pode compartilhar dados de *credit scoring*, facilitar remessas, simplificar cadastro e reduzir custos de *compliance*, entre outros benefícios potenciais.

vem demonstrando a solidez tecnológica do conceito. Embora de maneira imperfeita, o *bitcoin* atende às três funções clássicas das moedas: meio de troca, reserva de valor e unidade de conta. O *bitcoin* tem atraído interesse como ativo financeiro pela ausência de correlação com mercados tradicionais, mas sua aceitação como moeda no mundo real continua limitada.

Em pesquisa realizada em 2018, o banco UBS catalogou os produtos lançados com *blockchain* mundialmente e identificou seis áreas de implementação da tecnologia em bancos: sistemas de negociação de balcão, pós-negociação de ativos financeiros, remessas, *trade finance*, cadastro de clientes (*know your customer*) e, naturalmente, criptomoedas. De maneira geral, o *blockchain* pode ser disruptivo em negócios que dependem de processos centralizados, que exigem um registro e em que a origem e posse de um ativo são elementos críticos.

No Brasil, ainda não foram lançados produtos no ramo financeiro com *blockchain*, mas vários projetos estão em análise e outros setores, como o agronegócio, já se beneficiam da tecnologia. Três segmentos chamam a atenção, com potenciais ganhos de eficiência e melhor inclusão. Na área de cadastro e *compliance*, a tecnologia pode servir para unificar os dados de clientes entre bancos, em uma atividade que apresenta pouco valor agregado e diferencial entre bancos, como já tem sido feito no projeto chamado Fingerprint, lançado por Itaú, Bradesco e B3. A consultoria Accenture, em relatório de 2017, estimou que o uso do *blockchain* poderia reduzir os custos de *compliance* de 30 a 50%. Com a diminuição de custos administrativos, bancos poderão atender a um número maior de clientes. Na área de crédito, o *blockchain* poderia ser usado em sistemas completos e seguros de *scoring*, pontuação que indica o risco de cada cliente. A empresa Bloom, nos Estados Unidos, propõe um *scoring* de crédito descentralizado usando o *blockchain*, dando autonomia para clientes procurarem crédito na instituição que oferece os melhores termos. Na área de transferências internacionais, que

permanece complexa, com taxas que podem chegar a 8% do valor transferido, existem também propostas. A Sociedade para as Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (Swift) anunciou uma parceria com mais de 30 bancos globais e a International Business Machines (IBM). Em 2017, o Banco Bilbao Vizcaya Argentaria (BBVA) realizou a primeira remessa por *blockchain* entre Espanha e México, uma transação liquidada em segundos por um custo inferior ao dos sistemas tradicionais. Empresas como BitPesa, uma plataforma de câmbio e pagamento digital da e para a África, estimam que o *blockchain* pode reduzir o custo e o tempo de uma remessa em até 90%.

DESAFIOS

O Brasil tem apresentado exemplos de sucesso em regulação e tecnologia bancária, como os correspondentes bancários e o sistema brasileiro de pagamentos. Para que a inclusão financeira se intensifique, as inovações com *blockchain* têm grande potencial, ao trazerem mais comodidade, segurança e menos custo para o sistema e o usuário final. Subsistem algumas barreiras em torno do *blockchain*. A colaboração entre instituições financeiras e a interligação do *blockchain* com sistemas existentes são grandes desafios. Além das dificuldades operacionais e tecnológicas, ainda falta definir mecanismos de governança para o *blockchain*. Essas regras do jogo vão ditar quem tem acesso, quem valida, quem modifica e quem usa as informações no *ledger*. A nova governança do *blockchain* deve ser transparente, legítima e equilibrada para poder beneficiar a todos. ●

*Os fatos, relatos e opiniões destacados no artigo refletem exclusivamente a opinião do autor.

PARA SABER MAIS:

- Alexis E. Rocamora e Aryanie Amellina, *Blockchain and the SDGs*, 2018.
- Accenture, *Banking on Blockchain: a Value Analysis for Investment Banks*, 2017.
- UBS, *The Impact of Blockchain on Financial Institutions*, 2017.

FREDERIC DE MARIZ > Diretor executivo do UBS Brasil > frederic.de-mariz@ubs.com